

FALTA DE TRANSPORTES PROVOCA CRISE EM NOSSO CARVÃO

Estrada de ferro sem locomotivas—Sabotagem—Até a Cia. Siderurgica Nacional!..—Impossível solução sem os mineiros

Estradas de Ferro sem locomotivas

A indústria carbonífera nacional e em particular a catarinense, en-

contra no momento uma grave crise. Além da concorrência desleal e impatriótica do carvão norte-americano, enfren-

ta o carvão catarinense a falta de transportes. Milhares de toneladas de carvão estão estocadas no sul, devido o ca-

lamitoso estado em que se encontra a Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina. Possui a referida estrada de ferro 12 locomotivas para o transporte de carvão, porém 11 ESTÃO EM REPAROS E APENAS UMA TRAFEGANDO. Esta situação motivou um corte de 55% no transporte do carvão, o que significa uma diminuição enorme na produção transportada de carvão catarinense, que dificilmente atingirá 800.000 toneladas este ano, quando o previsto de acordo com os dados do Plano do Carvão Nacional seria de 1.400.000.

Sabotagem

O Governo Federal, através de seu órgão competente a Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional, havia as-

sumido o compromisso de escoar mensalmente 120.000 toneladas de carvão de Santa Catarina. Este compromisso não vem sendo cumprido. De diminuições sobre diminuições, atingiu a percentagem de 55%. Medidas para sanar estas irregularidades não vem sendo tomadas pois existe uma sabotagem organizada contra o carvão nacional. Basta dizer

que três locomotivas (usadas e antigas) da estrada de ferro Sorocabana (S. Paulo) que foram enviadas à Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, de setembro do ano passado até hoje, estão no porto de Santos a espera de transporte.

Até a companhia Siderurgica Nacional... Até a Companhia Siderurgica Nacional... Continua na pag. 4

UNIDADE

EM DEFESA DOS INTERESSES DO POVO

Semanario

DIRETOR: ALDO P. DITTRICH

ANO II

FLORIANÓPOLIS, Semana de 15 a 22 de Março

Nº 25

NACIONALISMO:

CONVIDADO O DESEMBARGADOR ALVES PEDROSA A REALIZAR CONFERENCIAS EM LAJES

Of. n. 011

Lajes, em 6 de fevereiro de 1958

Exmo. Snr.

Dr. Desembargador SEVERINO NICOMEDES ALVES PEDROSA

Florianópolis

Excelentíssimo senhor

Os semanários «JORNAL DE LAJES» e «CORREIO LAJEANO», o CIRCULO DE CULTURA DE LAJES e ASSOCIAÇÕES DE CLASSES desta cidade, sentir-se-iam honrados se o doutor Desembargador aquiescesse em realizar, para a Sociedade de Lajes, palestras Nacionalistas.

Para tal finalidade deixamos à disposição de V. Excia. passagem de avião e estada, em data de acordo com sua vontade e disponibilidade.

Esperando contar com uma resposta afirmativa, somos profundamente gratos.

Jornal de Lajes—Dr. Antonio Edú Vieira—Diretor

Correio Lajeano—José Baggio—Diretor

Circulo de Cultura de Lajes—Dr. Gallileu Amorim—Presidente

Sebastião Pinto—Pres. Ass. Prof. dos Emp. Vendedores do Com. e Viaj. S. C.

Epitácio Borges—Pres. Sind. dos Trabs. da Construção e Mobiliário de Lajes

Ary Waltrick da Silva—Pres. do Sind. das Ind. de Madeiras, Carpintarias e Tanoarias de Lajes

Raul dos Santos Fernandes—Pres. do Sind. dos Emp. no Com. de Lajes

O QUE SE ESPERA DO PTB EM S. CATARINA

Tendo em vista que o acordo do PSD e PRP, para a eleição de Plínio Salgado ao Senado, está praticamente confirmado (pois até agora não houve nenhum desmentido); sabendo-se também que existe um compromisso entre o PSD e PTB, para apoiarem um candidato do PTB ao Senado; pergunta-se: qual será a posição do PTB? A nossa opinião é que a direção estadual do

PTB, não pode decepcionar milhares de trabalhadores, que não concordarão no apoio do Partido ao traidor Plínio Salgado. Nossa reportagem esteve em contacto com varios dirigentes do PTB, e a opinião unanime foi contraria a esse acordo. Essa deve ser a atitude a tomar pela Convenção Estadual do PTB: repudio a essa candidatura que envergonha o povo brasileiro. Não repitam o erro grosseiro do PTB no Rio Grande do Sul, pois somente o Partido será prejudicado.

O que os trabalhadores catarinenses, esperam do PTB, é uma posição independente, para as eleições de outubro deste ano; é a escolha de candidatos realmente nacionalistas, que defendam os postulados da Carta Testamento de Vargas e a linha politica nacionalista definida na última Convenção Nacional do PTB. Que o PTB inclua na lista de seus candidatos, os dirigentes sindicais realmente honestos, e não certos «pelegos» e «falsos líderes sindicais».

É essa a posição que os trabalhadores esperam que seja seguida pelos dirigentes petebistas

TUDO POR 500 MIL ELEITORES.

Alistar para garantir a vitória do povo

Pag. 3

Atenção mineiros de Criciúma:

BUTIÁ NOVAMENTE EM PERSPECTIVA DE GREVE

Leia Pagina 3

REATAMENTO: MEDIDA DE SALVAÇÃO NACIONAL

Pag. 6

QUEREM TOMAR A TERRA DOS POSSEIROS

Se houver choque armado, o governador Jorge Lacerda será o responsável, pois foi quem deu as terras dos Posseiros de Xanxerê ao grileiro

Leia reportagem pag. 3

CONTO

NEGÓCIO

Silveira de Souza

Era uma dessas manhãs frias de começos de julho. Na rua principal da cidade, os transeuntes caminhavam sufocados de agasalhos, enquanto o sol, desmaiado e quase inútil, caía em cheio sobre homens e coisas.

Enfiado numa capa de gabardine surrada, mãos nos bolsos, Peixoto estacou na esquina da rua L... e se deixou a olhar o bangalô amarelo, no outro lado da rua. Havia um pequeno jardim de margaridas e dalias, separando da calçada pelo muro baixo e o portãozinho de madeira, pintado de vermelho. Peixoto demorou algum tempo observando o bangalô; guardava no rosto um ar de receio e indecisão.

Por fim, sem tirar as mãos dos bolsos, avançou o corpo enorme, manco de uma perna, em direção a casa.

Os sapatos velhos subiram dois degraus, aguardarem uns instantes, parados, na varanda de azulejo. Vasilhos de cactos nas paredes. Um pôr-de-sol desenhado a cores cobria o relógio da luz. Peixoto comprimiu a campainha da porta.

Soaram passos, num crescendo, do interior da casa. A porta foi aberta de repente.

— Peixoto?! Que é que há?

— Bom dia, dr. Mas... eu...

— Entre um instante.

A perna manca foi arrastada para dentro de uma saleta. Poltronas e sofá de couro rodeavam a mesinha envernizada. Estante de livros a um canto. Um cinzeiro de prata sobre a mesinha.

— Sente.

Peixoto afundou no sofá, desajeitadamente.

— Então, como está passando?

— Mais ou menos, dr.

— A d. Maria vai bem?

— A gente vai vivendo... O menino anda meio encrencado, sempre magrinho, tomando remédio. Agora saiu lizo umas pipocas pelo corpo, não sei o que é.

— Você já foi a um médico?

— Não, dr... Tamos vendo se a gente cura em casa mesmo. Receitaram homeopatia, acho que é urticária.

— Você deve ir a um médico, isso às vezes é alergia, proveniente da alimentação.

Peixoto assentiu, com um balanço de cabeça e a expressão sem graça.

— Mas, a que devo a honra?... — o outro mostrou os dentes num sorriso franco.

— Bem, dr. Osni... eu... — Peixoto inclinou o corpo para diante — é um negócio, um negócio pequeno. Um balcãozinho...

— Sim.

— Um balcãozinho de rua, algumas prate-

leiras, o senhor sabe... para vender jornais, revistas... Já tenho a licença da Prefeitura, o Alvará, tudo legal...

— Mas você está desempregado?

— Não, dr. Mas, o senhor sabe, o emprêgo dá pouco, salário mínimo... a gente tem mulher, filho...

— Sim.

— Precisa de um bisente, né? Ah, ah, ah! — a boca se abriu numa risada nervosa, áspera.

O outro permaneceu sério, balançando a cabeça. Um silêncio incômodo invadiu a saleta.

— Me diga uma coisa: onde vai arranjar as revistas? Você sabe: estas coisas precisam garantias. Vai mandar buscar fora? Como vai fazer?

— Bem, já falei com o seu Juca da Livraria Progresso... o senhor sabe, no princípio... — jogou subitamente as mãos, num gesto sem significado — a gente arranja, aqui e ali...

— Sim, sei. E onde vai ficar o balcão?

Peixoto sobressaltou-se, sem causa. Respondeu apressadamente:

— Na rua T... não é mau... o senhor sabe, saída de cinema...

O outro mirou-o alguns instantes, divertido:

— Então quer dizer que você vai virar negociante? — esboçou um esgar meio irônico.

Um riso coarçado e pateta avançou pelo rosto do Peixoto.

— Diga-me então, em que lhe posso ser útil?

— Bem, dr... Peixoto agitou-se no sofá, com nervosismo. As mãos entrelaçaram fortemente os dedos, uma da outra. — Só falta o balcão... Um balcãozinho com vidraças... Precisava dez contos... o carpinteiro, o senhor sabe, cobra muito... a vida está cara... depois eu pagava... eu... o senhor sabe... lá em casa... lhe demos dois votos... por isso...

Fora, a manhã continuava fria. Com as mãos enfiadas nos bolsos da gabardine, Peixoto procurou as ruas estreitas e desertas. «E agora?» A interrogação persistia no cérebro confuso. Um ódio profundo brotou no corpo enorme. Ódio indefinido, irracional, contra todos, contra ele próprio. «E agora?»

Casareões velhos, coloniais, espiaram-no passar, muros, amarelados sob o sol.

De repente, ampla, surgiu a Avenida. O riozinho corria entre as árvores, como uma cobra. Peixoto seguiu avante, lento, arrastando a perna manca, coração pesado, misto de insensibilidade e desespero.

NOTICIÁRIO

B B B

Em nova fase, contendo agora não só amplas informações bibliográficas, mas também noticiário a respeito do movimento cultural, bem como entrevistas e informações diversas, está circulando o número de janeiro — fevereiro do Boletim Bibliográfico Brasileiro. Dirigido por José Cruz Medeiros e tendo como redator chefe Hélio Polvora, o B. B. B., nesta sua nova fase, poderá se tornar ainda mais do que já o era um órgão indispensável a todos os que, entre nós, se interessam pelos problemas do livro.

Jantar de despedida

Sábado, dia 8, no Rancho da Ilha, reuniram-se num jantar de despedida, direção, colaboradores e amigos da revista «SUL». Conforme já havia sido anunciado nesta coluna, com o número 30, há pouco aparecido, suspende a revista, depois de dez anos de publicação, suas atividades. Conforme vinha no editorial, pensamento oficial da revista, a paralização se devia a dificuldades internas e externas, uma completando a outra.

Panorama do novo conto brasileiro

Em fase de organização o «Panorama do novo conto brasileiro», que deverá dar uma idéia do conto e de sua evolução no país nos últimos 20 anos. Esdras do Nascimento e Salim Miguel estão encarregados do levantamento, já tendo em mãos trabalhos dos principais elementos que se vem dedicando ao gênero. «Panorama do novo conto brasileiro» deverá ser uma «Edição SUL», com distribuição em todo o país pela Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil.

Um lembrete

Graciliano Ramos, sem dúvida um de nossos melhores e mais concientes escritores, gostava de frisar que «arte é dez por cento de inspiração e noventa por cento de transpiração». Aos que escrevem, aos que se iniciam, aos que lutam na «facilidade» que é escrever, aos que não tem humildade nem compreensão diante dos problemas artísticos, bom seriam não só meditar longamente, mas também gravarem em lugar bem visível a opinião do autor de «Angústia».

PAISAGEM

Sezefredo das Neves

Uma nesga do céu através da maliciosa. E as nuvens aos bandos errantes pardacentas brancas brincam no céu. Uma estrela também, invejosa quer entrar na ciranda. Mas manôe lua, vigilante, a faz desaparecer.

(não é hora de criança andar na rua) Uma nesga do céu através da janela. A janela é a vida. O céu é o sonho (qual será melhor?). A janela é a prisão—nesga de céu. Mas o céu é todo o «céu» sem a janela. É a liberdade imensa ampla bela.

(tomemos o céu de assalto) Uma nesga da terra através da janela coqueiros palmeiras o vento chorando casas baixas velhas tristes a lua comendo a luz dos postes elétricos O sussurro do mar em surdina. Sinfonia marítima. Cheiro de maresia.

Uma nesga da vida através da janela Um casal que passeia ao luar Amor Suas sombras correndo velozes adiante ou atrás se juntando ou separando crescendo ou diminuindo soberbas e ridículas.

Uma nesga do mundo através da janela Vidraça que desce sobre o que passa lá fora, Sonhos e sombras que se cruzam à noite e se somem rápidos deixando-se entrever no pequeno retângulo minúscula parcela da entreaberta entrefechada janela.

Últimas novidades Literárias

Homens e Algas — Othon D'Eça

História da Literatura Catarinense — Arnaldo S. Thiago

Revelações de um médico — Cezar Avila

Amigo velho — Guido Wilmar Sassi

Coleção «Maravilhas do Conto» (Inglês, Francês, Norte-Americano, Russo, Alemão, Italiano, Português)

A arte culinária da bahia — Manoel Quirino

La agonia del imperialismo (2 volumes)—A. Guillen

2455 - Cella da morte -- C. Chesmann

Teatro -- Millor Fernandes

El Film -- Bela Balazs

LIVRARIA ANITA GARIBALDI

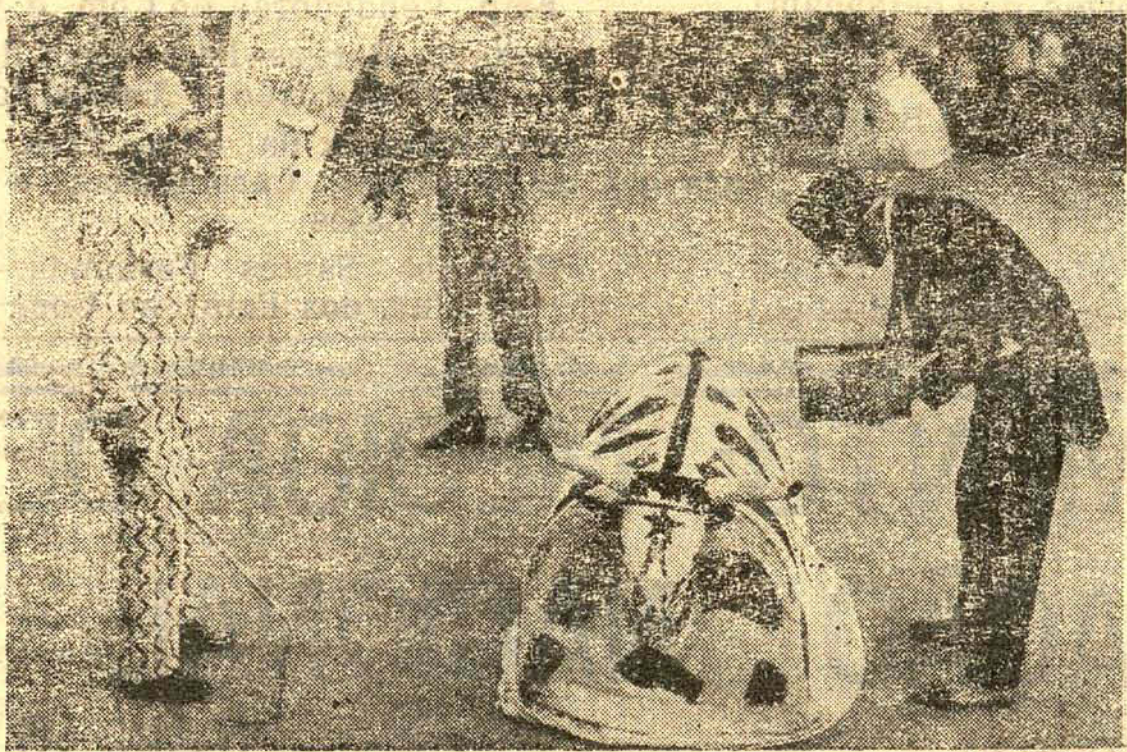
Praça XV — nº 27

Sempre as últimas novidades editoriais

Livros, Jornais e Revistas

Nacionais e estrangeiros

O PREÇO DA ILUSÃO



O «Boi de Mamão», auto popular semelhante ao «BUMBA MEU BOI» do nordeste, mas com características próprias específicas, tem papel de grande destaque na primeira película catarinense, «O Preço da Ilusão», que acaba de ser rodada e que deverá estreiar em meados do ano corrente.

LEIA
E
ASSINE
UNIDADE

Dr. Cesar Batalha
da Silveira

Cirurgião Dentista
Clínica de Adultos e
Crianças Raio X
Atende com hora marcada
Félice Schmidt 39-A,
Salas 3 e 4

Para um perfeito acabamento de
ASSOALHOS

PROCURE o ENCERADOR
PAULINO JULIO DE SOUZA

AVENIDA MAURO RAMOS -- 156 -- Fpolis.
Maquinário Moderno e profissionais competentes

Do correspondente em Barreiros

É EXTRAORDINÁRIO ESTE MEU LUGAR

Aqui neste meu lugar, tudo é bom, até os preços das mercadorias de primeira necessidade são uma beleza, se for comprar no Estreito, em qualquer Armazem uma mercadoria pelo preço de 5 ou 6 cruzeiros, aqui só se paga 10!... O peixe que vem da Serraria, é vendido em Barreiros por 20, 25 ou 30 cruzeiros; indo para o Estreito é vendido então por 10 ou 15 apenas. É extraordinário este meu lugar!

Enorme Carestia

Ainda na semana passada, tive que ir ao SAPS do Estreito, fazer compras, pois apesar de pagar para transportar a mercadoria comprada até minha casa, na compra de Cr\$ 1.000,00 lerei Cr\$ 290,00.

Atenção senhores: Duzentos e noventa cru-

zeiros, daí se conclue como está o comércio varejista em nosso bairro.

Vejam está!... No SAPS do Estreito 1 quilo de batatinha custa Cr\$ 6,00. Sabe quanto custa aqui? Cr\$ 10,00 e, em muitos armazens, Cr\$ 12,00. O que se nota é que um pobre pai de família, ganhando o salário e comprando nestes «sangue sugas» aqui de Barreiros, só terá que passar fome.

Um Posto do SAPS

Sr. Governador, faça mais um favorzinho, apesar de já nos ter feito alguns (digo — dois: O Grupo Escolar e o Posto do Leite), consiga que se instale em Barreiros um Posto do SAPS.

SATELITE

CONCERTOS DE RADIOS E AMPLIFICADORES ★ RADIOS, BATERIAS, BICICLETAS E MATERIAIS DE RADIOS ★ ELETRICIDADE EM GERAL

CASA ELOY

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

de

Eloy Garbelotto & Filho

LOJA — Avenida Rui Barbosa nº 38
OFICINA — Travessa Engenheiro Bôa Nova nº 33

CRICIUMA — Santa Catarina

EXPRESSO FOLRIANÓPOLIS LTDA.

Transportes de Cargas em Geral
entre Florianópolis—Curitiba—Porto
Alegre — São Paulo — Rio e
Belo Horizonte

AGÊNCIAS NO RIO, BELO HORIZONTE COM
TRÁFEGO MÚTUO ATÉ SÃO PAULO COM
O RODOVIÁRIO RÁPIDO RIOMAR

MATRIZ: FLORIANÓPOLIS — Escritório e Depósito:
Rua Francisco Tolentino — Fone: 2534 e 2535
End. Telegr.: SANDRADE

carta do leitor

JUVENTUDE TRANSVIADA

Florianópolis é uma cidade pequena, porém pode em certo ponto comparar-se (ou até superar) com o Rio de Janeiro ou as grandes cidades Norte Americanas: A delinquência juvenil. Jovens que por falta de senso ou chance lançam-se de corpo e alma, a aventaram ao jogo e a corrupção total.

Na cidade em que vivemos dá-se uma desculpa. Não é uma cidade industrial e o lazer os leva ao caminho errado. — Se não forem tomadas providências amanhã nossa sociedade sofrerá sérias consequências, pois o final deste caminho é crime.

Em meu ponto de vista a situação modificaria-se: ao invés do «Núcleo», as autoridades competentes fundassem uma escola de aprendizagem industrial e agro-pecuária. Temos hoje a escola Artífices, mas esta não ajuda a situação pois é destinado a menores com o curso primário, rapazes que ainda não saíram da vigilância dos pais. Deveria ser um ambiente que substituisse a «cana» e fizesse algo pelos transviados. — Se os poderes competentes não quiserem gastar hoje com esta obra, ou algo semelhante; gastarão amanhã em cadeias e outros locais de detenção, afim de abrigar a escória de nossa cidade tão sofredora devido a demagogia de certos políticos. — Já foi pensado que estes marginais podem e devem ser aproveitados?

Quanto operários poderíamos ter com a cooperação dos políticos? — Não, não foi pensado! — Ou se foi, fingiram que não, o que vem a dar no mesmo. No Brasil, uma Nação semi-desenvolvida, não podemos nem devemos abandonar nossos patricios, não estamos em condições. Cada braço, cada homem, é uma parte da vida nacional.

Tenho constante contacto com elementos da categoria já mencionada, e, posso afirmar que são na maioria rapazes de boa índole, capazes de aprender qualquer coisa, pois sem esforços aprendem a manejar com perfeição o «baralho» e o «taco de sinuca», portanto podem aprender com a mesma perfeição a manejar um martelo ou uma serra. Haveria então uma modificação total. A «limpeza» da cidade, descança a polícia, futuro aos jovens delinquentes, vigorosos filhos para a Pátria, e tranquilidade para a futura sociedade.

Florianópolis, 12-3-58
ANACLETO M. DA SILVA

CONVIAIR

ÀS QUINTAS E DOMINGOS

CURITIBA—SÃO PAULO—RIO--PORTO ALEGRE

CONSORCIO TAC-CRUZEIRO

INFORMAÇÕES NAS AGÊNCIAS DE PASSAGENS OU PELOS

TELEFONES 3700 e 2111

PROTESTO UNÂNIME CONTRA A DECISÃO DA SUMOC.

UNEM-SE PATRÕES E OPERÁRIOS EM DEFESA DA INDÚSTRIA NACIONAL

Partiu do próprio governo americano a pressão a favor da American Can, monopólio pertencente ao grupo Morgan—Líderes sindicais do Rio de São Paulo protestam contra a resolução da SUMOC, solidarizando-se com os industriais brasileiros—A Câmara Municipal de São Paulo considera um «atentado ao nosso desenvolvimento industrial», o privilégio aos ianques

UNIDADE

EM DEFESA DOS INTERESSES DO POVO

MINHA CIDADE

É a Campanha de Saneamento Moral se intensificou. E que voltou Osvaldo Robin ou Rosbiffe não sei de quê. O referido radialista, logo que teve início a tal Campanha, viu-se obrigado a dar no pé já que era público o fato de ser ele um foragido da Polícia, condenado pela Justiça a cumprir pena por estelionato na Penitenciária do Rio de Janeiro. Dando no pé, escondeu-se até que prescreveu a sua prisão. Daí então voltou a esta Ilha bacana e a Campanha intensificou. Quem escuta o radialista estelionatário é capaz de jurar que o moço é sério mesmo e qualquer fanzinha fica imaginando-o de camizola branca, azinhas, auréola e tudo mais.

Os eleitores de Minha Cidade estão preparados a votar em candidatos nacionalistas. Claro, quem já não está preso a esta forte consciência nacionalista que vai levando o Brasil para caminhos melhores? Os parlamentares formam suas frentes nacionalistas. Os estudantes também. Nos sindicatos pesam mais os líderes que entendem e vivem os problemas nacionais e sua saída patriótica. Cresce o Nacionalismo. Nossos vizinhos elegeram Frondizi. Nós elegemos os nossos. Os candidatos estão sendo estudados nesta linha e vão sendo catalogados pelo povo. Quem não acompanhar esta marcha, quem errar o passo, vai ficando para trás. E nesta base o seu Sebastião Neves, candidato por Minha Cidade, não terá vez. Mas é Claro!

E o Plinoca, inconsolável viúva de Hitler, vai ou não vai? Até que as coisas se clareiem o seu Renato Barbosa já foi. Este literato, catedrático, jornalista e outra coisa ainda que eu não digo, vem escrevendo, semanalmente, lambusados artigos de ferrenha té integralista. Mas quem não conhece o Renato e o Plinoca?

E até a próxima semana. Até lá vamos de pé no rádio ouvirmos os tres mosqueteiros, intrépidos defensores da moral e da decência, Hélio Kersten da Silva, velho papai e ainda don Juan de mocinhas desprevenidas; J. J. Barreto, oportunista presidente local da Cruzada anti-comunista e Osvaldo Robim, estelionatário e enquadrado na metade dos artigos de nosso Código Penal. De ouvido no rádio para vermos até onde irá a tal campanhazinha mas desde já sabemos que a alegria dos palhaços é ver o circo pegar fogo.

DIAS VELHO

Continúa a provocar os mais enérgicos protestos dos círculos industriais, trabalhistas, de ponderáveis correntes de opinião e de grande parte da imprensa, a última decisão da SUMOC permitindo ao truste American Can a importação de máquinas e equipamentos, sem cobertura cambial, para a instalação no país da fábrica de estamparia. Ape-

sar das graves denúncias feitas pela imprensa e da tribuna da Câmara Federal, de que aquela decisão da SUMOC foi conseguida por pressão direta do próprio governo dos Estados Unidos, e de que da mesma dependia o êxito dos entendimentos existentes entre o governo brasileiro e o daquele país, para a obtenção de empréstimos no valor de cem

milhões de dólares, o governo não se dá ao trabalho de prestar os necessários e indispensáveis esclarecimentos à opinião pública, e não providencia a imediata revogação de medida tão contrária aos interesses da economia brasileira.

A FICHA DO TRUSTE

A American Can Corporation é o maior truste de estamparia do mundo. Detém

cerca de 90% dos investimentos da indústria de latas nos Estados Unidos, e sua produção abastece quase 50% do mercado consumidor de latarias de metais do mercado norte-americano. A American Can e a Continental Can, outro poderoso truste de lataria dos Estados Unidos estreitamente ligado a aquele atendem à cerca de (Continua na pag. 4)

«VENHO DE UMA LINHAGEM DE PIRATAS» DIZ EM LONDRES CHATEAUBRIAND

FAZ-SE OBJETO DE ZOMBARIA O REPRESENTANTE DO BRASIL — PALHAÇADAS E INCONVENIÊNCIAS

No "Evening Standard", o colunista Peter Chambers mantém uma seção sob o título "In London last night", em que comenta os acontecimentos sociais de cada noite londrina.

Na edição de 5 de fevereiro deste ano, Peter Chambers abre sua seção com uma notícia escandalizada e, ao mesmo tempo, zombeteira, sobre um discurso do sr. Assis Chateaubriand, na noite anterior, no Allied Circle Club, de Mayfair. A seção abre em manchete transcrevendo a afirmação do "fiery Senhor" — "I come from a line of pirates" (Provenho de uma estirpe de piratas) e põe como subtítulo: "Nega que tenha escolhido seu nome num menu".

Vamos aqui transcrever, devidamente traduzida, a crônica do jornalista inglês, para que o povo brasileiro — e especialmente a mocidade universitária, que se pronunciou tão patrioticamente contra a sua indicação — possa ver que papel es-

tá fazendo na Inglaterra o embaixador do Brasil, num posto que já foi honrado pelas mais altas figuras da diplomacia brasileira no Império e na República.

Eis aqui a crônica, que tem o título e os subtítulos acima mencionados:

"DESCENDO DE PIRATAS — diz o audacioso Senhor"

O novo embaixador do Brasil, senhor Assis Chateaubriand, negou indignadamente, na noite passada, a história de que teria escolhido o seu nome num "menu".

— É um bom nome normando, — declarou. — Meus antepassados eram piratas normandos. Aqui, na Inglaterra, vocês têm normandos, mas os ingleses têm lido demasiadamente a Bíblia. No Brasil, nós, normandos, conduzimo-nos ainda como piratas. Conservamos o espírito de audácia dos piratas normandos.

Audacioso de espírito, o senhor Chateaubriand, que tem pouco menos de cinco

pés de altura, estava falando no Allied Circle Club, de Mayfair.

Jamais ouvi um discurso de embaixador mais digno de nota do que esse. Ele fala como Salvador Dali pinta.

"PELES-AMARELAS"

Disse que se encontra em Londres há três meses e tem-se sentido inteiramente em casa. Depois, subitamente, desviou-se para o fósforo.

— É um fato que não pode haver pensamento sem fósforo. Nós, "peles-amarelas", temos muito pouco fósforo. Mas com que bondade vocês nos ajudaram a conseguir algumas gramas aqui!

Nesse ponto, a assistência começou a sentir que estava perdendo o fio de sua argumentação.

O senhor Chateaubriand prosseguia. Além de ser um "pele-amarela" e um normando, tem também ascendência índia.

— Como nós, os "peles-vermelhas" americanos têm também sido felizes aqui, —

disse. — Olhem a família do visconde de Iascelles — ele foi o oitavo ou nono dessa linhagem, um "pele-vermelha" de Pocahontas.

O senhor Chateaubriand desviou-se novamente para os minerais.

— Ouro... — disse. —

Que é o ouro?

Agarrei minhas notas surrealistas e sai.

Telefonei a lord e lady Harewood e perguntei se a família Iascelles era descendente de Pocahontas (uma princesa índia que veio para a Inglaterra no século XVII).

— Com toda a certeza, nunca ouvi falar nisso, — disse lady Harewood.

O sr. L. G. Pine, editor do Buikels Peerage, disse que a pretensão não era digna de nota, mas que não podia confirmá-la.

O sr. Chateaubriand é certamente digno de nota — uma minúscula figura napoleônica, que dirige uma vasta cadeia de jornais, rádio e televisão no Brasil.

(Continua na pag. 4)

WALDIR VIANA, EX-FUNCIONÁRIO DO SESI EM FLORIANÓPOLIS, BRUSQUE E CRICIÚMA EM REPORTAGENS, A PARTIR DO PRÓXIMO NÚMERO, AFIRMA:

O SESI: ANTRO DE POLÍTICA-GEM E CORRUPÇÃO

Leia no próximo número esta sensacional série de reportagens